

SOBRE A (ALEGADA) PERDA DO SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

por

Georg A. Kaiser

Universidade de Konstanz, Alemanha

1. Introdução

Muito já se escreveu sobre a mudança que se observa no português, especialmente no português brasileiro (doravante PB), em relação ao chamado "parâmetro do sujeito nulo" (ou "parâmetro *pro-drop*"). Com base na existência desse parâmetro, tenta-se descrever e explicar, dentro do quadro da gramática gerativa, a diferença entre línguas que permitem um pronome vazio na posição de sujeito de uma oração finita e línguas que exigem que essa posição seja obrigatoriamente preenchida por um sujeito lexical. A mudança, observada na história do PB, consiste num crescente emprego do pronome pessoal sujeito acompanhado de um enfraquecimento da morfologia verbal. Segundo muitos autores, essa mudança confirma a validade da hipótese de que o PB estaria deixando de ser uma língua de tipo "sujeito nulo", apresentando apenas fenômenos residuais. Partindo da hipótese de que a mudança diacrônica se caracteriza também pela alteração na fixação de parâmetros, essa mudança foi interpretada como uma mudança "paramétrica" de uma marcação positiva para uma marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop*. Assim, o PB mostraria um forte paralelismo com outra língua românica, a saber, o francês, que parece ter sofrido uma mudança similar.

Este trabalho procura exatamente investigar esse paralelismo na mudança diacrônica do PB e do francês. O trabalho tem por objetivo explorar a mudança no uso do pronome sujeito em ambas as línguas, procurando relacioná-la a outras mudanças que parecem

* Agradeço muito aos organizadores do VI Seminário do PHPB o convite a este encontro muito inspirador reunindo diferentes escolas lingüísticas do Brasil, formais e funcionais, na tentativa de dar conta dos fatos lingüísticos da variação diacrônica do português do Brasil. Agradeço aos participantes do seminário pelas críticas e sugestões e a Esther Rinke (Hamburg), Marc-Olivier Hinzelin (Konstanz) e, sobretudo, a Leonel F. de Alencar (Fortaleza) pela revisão crítica do texto.

coocorrer quando uma língua perde a sua propriedade de permitir a omissão de pronomes sujeitos. Pretendo verificar, assim, se no PB está realmente se perdendo a propriedade de sujeito nulo ou se, antes, estão mudando somente as condições que determinam a omissão do sujeito. Uma parte da minha contribuição consiste em apresentar e comparar dados de um estudo empírico baseado em traduções da Bíblia de diferentes épocas. Trata-se de traduções de sete capítulos dos *Livros de Samuel* do Antigo Testamento (*1 Samuel 1-3* e *2 Samuel 11-14*). A razão pela qual escolhi exatamente esses capítulos reside no fato de que a tradução dos *Livros de Samuel* e dos *Livros dos Reis*, denominada *Li quatre livre des Reis* e feita aproximadamente no ano de 1170, constitui um dos primeiros textos em prosa que possuímos da língua francesa. Portanto, essa tradução da Bíblia forma, na minha opinião, uma base excelente não somente para fazer estudos diacrônicos de gramática de uma mesma língua, mas também para fazer estudos comparativos com outras línguas (Kaiser 2005). Assim, os resultados da análise desta tradução são comparados com outras traduções francesas do mesmo texto bíblico de outras épocas e com três traduções portuguesas, a saber: uma tradução (abreviada) em português antigo, uma em português europeu moderno e outra em PB moderno.

2. A evolução dos sujeitos pronominais: do sujeito nulo ao sujeito pleno

Nos seus estudos diacrônicos, já clássicos, Duarte (1993, 1998, 2000) revela que o PB, desde o século XIX, sofreu uma mudança muito importante no emprego dos pronomes sujeitos. Analisando estatisticamente o uso desses pronomes em peças de teatro populares brasileiras dos dois séculos passados, Duarte observa uma tendência mais e mais freqüente de utilizar pronomes lexicais na posição de sujeito de orações finitas. Os resultados da pesquisa de Duarte podem ser vistos no Gráfico 1 a seguir:

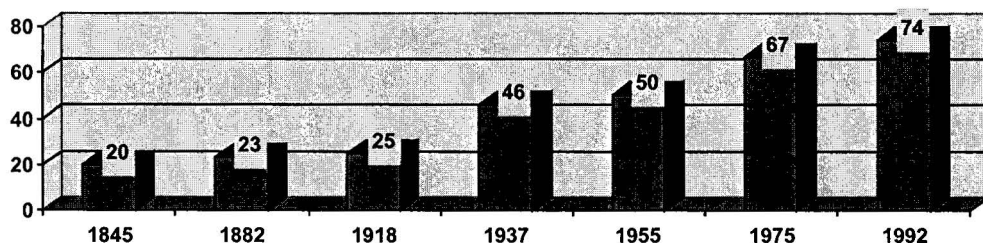


Gráfico 1: Evolução do uso de pronomes sujeitos lexicais no português brasileiro através de sete períodos (Duarte 2000:19).

Esses resultados são confirmados por outros estudos diacrônicos (Tarallo 1993) e também por muitos estudos sincrônicos (Meyer-Hermann 1998, Lira 1996, Barne 1998, 2001 ou os trabalhos em Kato & Negrão (eds.) 2000). De acordo com a maioria desses estudos, os dados do uso do pronome sujeito no PB sugerem que o PB esteja passando por uma etapa de mudança de uma língua *pro-drop* para uma língua não-*pro-drop*. Segundo Duarte (1998:199), os dados analisados confirmam que "uma mudança paramétrica está em curso no português brasileiro". Essa análise recebe evidência adicional pelo fato, também observado por Duarte, entre outros, de que a crescente preferência pelo emprego do sujeito pronominal está acompanhada de um enfraquecimento morfológico nos paradigmas flexionais. Assim, alguns autores chegam à conclusão de que o PB moderno deve ser considerado "uma língua com sujeito nulo parcial, utilizando-se de estratégias especiais para identificar os sujeitos nulos quando essa posição deve ser interpretada referencialmente" (Silva 1996: 120). Outros autores, porém, põem em dúvida essa conclusão, afirmando, como, por exemplo, Meyer-Hermann (1998: 223), que outras condições adicionais deveriam ser cumpridas "[a]ntes de que se possa concluir [...] que o português brasileiro está em vias de perder as suas características como língua *pro-drop*".

Todavia, os dados diacrônicos e sincrônicos mostram claramente que o PB moderno difere bastante das línguas *pro-drop* românicas autênticas ou prototípicas, como, por exemplo, o italiano (*standard*) ou o espanhol (*standard*), nas quais o uso dos pronomes lexicais em posição de sujeito parece depender de outras regras que no PB. Uma dessas regras exige que nessas línguas, ao contrário do PB moderno, o emprego do sujeito pronominal seja limitado a poucos contextos bem restritos. Segundo a gramática da *Real Academia Española*, uma das gramáticas referenciais do espanhol, o sujeito pronominal somente pode ser empregado numa oração finita em espanhol (*standard*) em duas condições:

[...] el sujeto pronominal se emplea correctamente en español por motivos de énfasis expresivo, o para evitar alguna ambigüedad posible, según las circunstancias particulares de cada caso. Tales circunstancias hacen que el hablante, sintiendo como insuficiente la expresión del sujeto contenido en la forma verbal, necesite determinarlo más. (Real Academia Española, 1973:421)

Dado que essas circunstâncias não são muito freqüentes numa conversa ordinária, porque o falante normalmente não dá ênfase no sujeito nem precisa evitar alguma ambigüidade referencial, a omissão do sujeito numa língua de sujeito nulo, como no espanhol, forma o caso não marcado.

Em geral, em muitas gramáticas ou estudos de línguas de sujeito nulo, afirma-se que essa possibilidade de omitir o pronome sujeito está relacionada com a existência da flexão verbal rica. Basta ver, a título ilustrativo, as explicações da gramática da *Real Academia Española* para o espanhol (*standard*):

Las desinencias personales de la conjugación española son tan claras y vivaces, que casi siempre hacen innecesario y redundante el empleo del pronombre sujeto. Un verbo en forma personal contiene en sí el sujeto y el predicado, es decir, los dos términos esenciales de la oración. [...] este carácter sintético de las formas verbales [...] forma contraste con otras lenguas, especialmente el inglés y el francés, donde la anteposición del sujeto pronominal es, de ordinario, obligatoria. (Real Academia Española, 1973:421)

No quadro da gramática gerativa, essa correlação entre a propriedade de permitir sujeitos nulos em orações finitas e a riqueza ou a "vivacidade" morfológica verbal também foi considerada como uma das características cruciais de uma língua de sujeito nulo. De acordo com Chomsky (1981, 1982), que propôs pela primeira vez o estabelecimento do parâmetro *pro-drop*, a diferença entre línguas *pro-drop* e línguas não-*pro-drop* tem a ver com a capacidade ou incapacidade da categoria funcional da concordância de identificar ou tornar recuperável, por meio de traços morfológicos, o sujeito nulo. Além disso, acredita-se que um sujeito nulo precise ser formalmente licenciado. Ou seja, a ocorrência de um sujeito nulo, sendo representado pela categoria vazia *pro*, é determinada não só por um processo de *identificação*, mas também por um processo de *licenciamento*. Os dois processos podem ser formulados, para uma língua como o espanhol, do seguinte modo (cf. Rizzi 1986a: 518-520, Raposo 1992: 480, Silva 1996: 33-34):

(1) Categoria vazia *pro*:

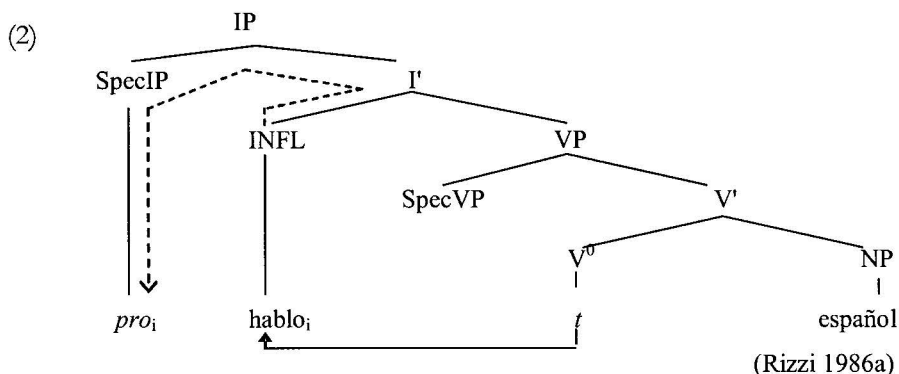
(a) Condição de licenciamento formal:

A categoria vazia *pro* é regida por INFL capaz de atribuir Caso nominativo.

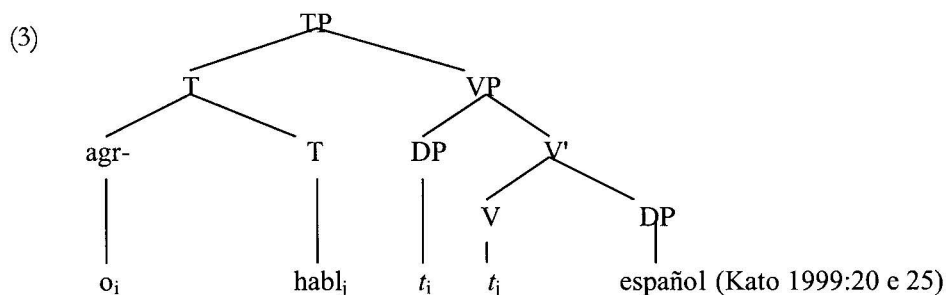
(b) Condição de identificação:

O conteúdo de *pro* é identificado pelos traços de pessoa e número numa categoria AGR forte contida na categoria INFL que rege *pro* e que está coindexada com *pro*.

Partindo dessa teoria, a ocorrência de um sujeito nulo em espanhol é permitida quando é regido por INFL e ao mesmo tempo identificado pelos traços morfológicos de pessoa e número, o que permite a recuperação do seu conteúdo. Isto é ilustrado em (2) para uma frase espanhola:



Vários trabalhos desenvolvidos nesses últimos anos sobre as condições para a ocorrência de *pro* mudaram consideravelmente as bases da discussão, seja por modificações internas da teoria, seja pela análise de novos dados. Kato (1999), por exemplo, aplicando o modelo minimalista da teoria gerativa à análise dos pronomes lexicais e nulos em várias línguas, propõe a seguinte análise para uma oração finita com sujeito nulo no espanhol:



Note-se que essa análise, embora não implique a ocorrência de um pronome sujeito vazio *pro*, também interpreta a riqueza flexional, ou seja, um "Agr pronominal", isto é, o afixo *o*, como um fator crucial responsável pela omissão do sujeito nulo. Essa ênfase na riqueza flexional perde, porém, seu caráter de exclusividade com a análise de línguas como

o chinês ou o japonês. Demonstrou-se que essas línguas, aparentemente, não podem recorrer a uma morfologia verbal rica para identificar o sujeito nulo por não apresentarem um paradigma verbal com flexões (Huang 1984). Foram oferecidas várias análises para dar conta dessas línguas dentro do parâmetro do sujeito nulo (veja-se Jaeggli & Safir 1989). Todas concordam, como resume o Gráfico 2, que, dentro do grupo das línguas de sujeito nulo, existem dois tipos que se diferenciam pela possibilidade de permitir ou não a identificação do sujeito nulo através de traços morfológicos verbais de concordância:

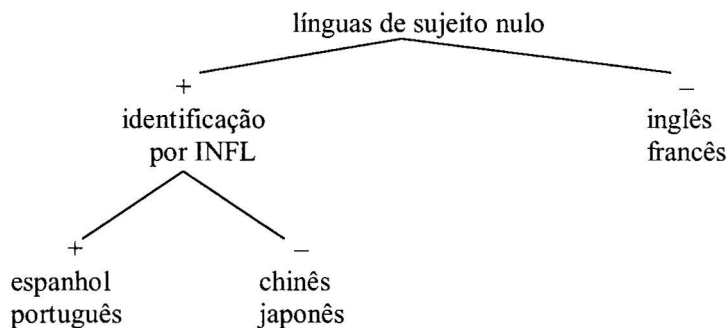


Gráfico 2: Tipos de língua com respeito ao sujeito nulo (Kato 2000:8)

Outra implicação importante no tratamento das línguas de sujeito nulo na gramática gerativa é que se supõe que as línguas nas quais se verifica a possibilidade de *pro* ocupar a posição de sujeito em orações finitas possuem propriedades adicionais que são vistas como sendo parte de um mesmo parâmetro sintático. Acredita-se que a fixação do parâmetro do sujeito nulo numa determinada língua não somente permita a omissão ou não do pronome sujeito, mas também implique usualmente a presença ou a ausência de um agrupamento específico de outras propriedades lingüísticas. Essa assunção quer dar conta do famoso "problema lógico da aquisição", observado por Chomsky (1986), segundo o qual os dados primários aos quais é exposta uma criança durante a fase de aquisição são insuficientes para explicar o sistema de conhecimentos específicos de um falante adulto. Neste modelo, a fixação de um parâmetro implica a aprendizagem de um conjunto de propriedades sem que a criança tenha de aprender cada propriedade individualmente (Meisel 1995). Espera-se, assim, que línguas como o espanhol e o português exibam várias propriedades sintáticas que derivam da especificação positiva do parâmetro do sujeito nulo. O francês ou o inglês, que têm uma especificação negativa do parâmetro, não deverão, conseqüentemente, ser caracterizadas pelas propriedades relacionadas à especificação positiva do parâmetro.

A coleção de propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo tem sido intensamente discutida na gramática gerativa, especialmente em trabalhos baseados na Teoria da Regência e da Ligação. Algumas das propriedades relacionadas com a especificação positiva do parâmetro do sujeito nulo que foram propostas são apresentadas, com exemplos em português, a seguir (Chomsky 1981:240, Rizzi 1982:117-118, Raposo 1992:481-492, Silva 1996:30):

1. A omissão obrigatória de sujeitos não referenciais (expletivos) de uma oração com um verbo meteorológico ou de uma oração impessoal:

- (4) (a) (**Ele*) chove.
- (b) (**Ele*) parece que as crianças comeram o bolo.

2. A inversão "livre" do sujeito em orações principais, ou seja, a ocorrência do sujeito na posição final de uma oração sem que isso envolva uma mudança do conteúdo semântico da oração em comparação com a oração com sujeito pré-verbal (Safir 1985: 172):

- (5) Comeram o bolo *as crianças*.

3. A atribuição de caso nominativo à direita em construções passivas ou inacusativas ((6)) ou em frases com verbos predicativos ((7)):

- (6) (a) Foi convidado *um estudante* para a festa.
- (b) Chegou *um estudante* atrasado à festa.

- (7) Sou *eu*.

4. A ausência do efeito "*that-trace*", o que quer dar conta da observação de que em línguas não-*pro-drop* o sujeito de uma oração subordinada introduzida por um complementador ("*that*") não pode ser alçado à posição inicial da frase deixando um vestígio imediatamente depois da conjunção. Em línguas *pro-drop*, porém, esse alçamento é permitido:

- (8) Quem_i (é que) tu pensas [**que** [_i viu esse filme]]?

No entanto, depois de uma intensa discussão teórica dessas propriedades e da correlação dessas (e outras) propriedades com a propriedade de sujeito nulo, tornou-se evidente que

essa proposta de correlação não podia dar conta de vários fatores. O exame tipológico fornece evidências de que, por um lado, existem línguas de sujeito nulo que não dispõem de todas as propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo e que, por outro lado, há línguas que não admitem sujeitos nulos, mas que dispõem de algumas dessas propriedades (cf. van der Auwera 1984, Gilligan 1987). Haider (2001), no seu resumo desse exame tipológico, conclui, portanto, que a correlação entre *pro*-drop e as outras propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo não pode ser mantida. Segundo esse autor, existe, porém, uma única propriedade que continua a ser associada ao parâmetro de sujeito nulo: a omissão obrigatória de pronomes sujeitos não referencias, ou seja, expletivos (Haider 2001:285). De fato, com base numa definição como a da gramática da *Real Academia Española*, esperar-se-ia essa conclusão: se, numa língua de sujeito nulo, o uso de um pronome sujeito for limitado a contextos de ênfase ou de ambigüidade, um sujeito expletivo, que não tem - por definição - nenhum conteúdo semântico, não deveria ser empregado numa tal língua porque não existem contextos adequados para o seu uso.

Vimos, porém, que essas condições para o emprego do sujeito pronominal são somente válidas, em geral, para as línguas de sujeito nulo prototípicas. Numa língua de sujeito nulo menos típica, como, por exemplo, o PB moderno, essas regras de emprego do sujeito pronominal parecem ser determinadas por condições menos restritas. Dever-se-ia esperar, então, menos restrições à ocorrência de um pronome expletivo lexical que numa língua de sujeito nulo prototípica.

3. A perda dos sujeitos nulos no francês e no português (brasileiro): uma comparação empírica

Nesta parte, vou apresentar e discutir, como já acentuei no início, dados empíricos de um estudo diacrônico de traduções da Bíblia. Ao meu ver, uma boa possibilidade de investigar a questão da perda do sujeito nulo no PB consiste numa comparação empírica com outra língua românica que originalmente era uma língua de sujeito nulo, mas que perdeu essa propriedade durante o seu desenvolvimento histórico. Como bem se sabe, o francês é uma tal língua, dado que o francês antigo, ao contrário do francês moderno, permitia a omissão de sujeitos pronominais. Como foi demonstrado em muitos trabalhos diacrônicos, o francês perdeu essa possibilidade e tornou-se uma língua não-*pro*-drop (Adams 1987, Roberts 1993b, Vance 1997). Esta observação é confirmada pelos resultados do estudo empírico das cinco traduções francesas analisadas em Kaiser (2002a). Os resultados com respeito à ocorrência de pronomes sujeitos lexicais são resumidos no Gráfico 3:

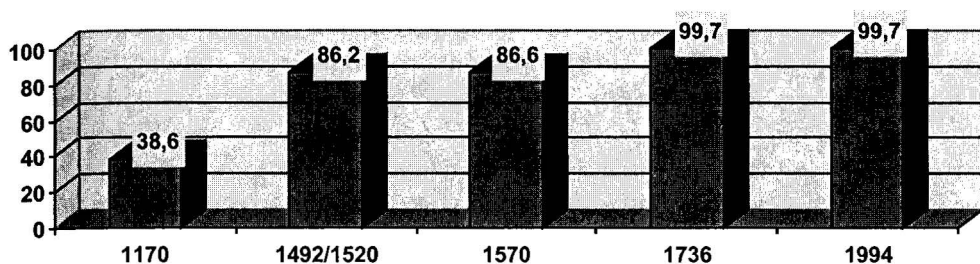


Gráfico 3: Ocorrência total de pronomes sujeitos lexicais em orações finitas declarativas e não coordenadas em traduções francesas da Bíblia (1 Samuel 1-3, 2 Samuel 1-14)

Observa-se um aumento radical no emprego dos pronomes plenos entre a primeira tradução de 1170 e a segunda tradução, que foi redigida no final do período do francês médio e revisada no início do período do francês moderno. Essa observação concorda com os resultados de muitos estudos empíricos sobre a evolução diacrônica do francês, segundo os quais a perda da propriedade de sujeito nulo se iniciou aproximadamente no mesmo período. Os resultados obtidos na análise das traduções bíblicas da época do francês mais moderno, seja do século XVIII, seja do século XX, confirmam também as observações feitas nos demais estudos diacrônicos, mostrando que no francês moderno a omissão do sujeito está (quase) completamente excluída em orações finitas declarativas e não coordenadas.

Comparemos agora esses resultados com os resultados da análise de traduções dos mesmos capítulos de uma Bíblia em português antigo, em português europeu moderno e em português brasileiro moderno:

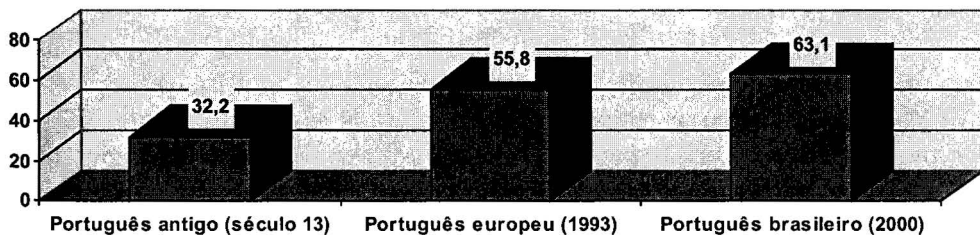


Gráfico 4: Ocorrência total de pronomes sujeitos lexicais em orações finitas declarativas e não coordenadas em traduções portuguesas da Bíblia (1 Samuel 1-3, 2 Samuel 1-14)

Podemos observar, no uso dos pronomes lexicais, um aumento bastante grande tanto no português europeu quanto no PB em comparação com o português antigo. Mas, em comparação com os dados das traduções francesas, destacam-se pelo menos duas diferenças nas traduções portuguesas modernas: a primeira é que não existe um aumento tão importante na evolução do uso de pronomes sujeitos lexicais como se pode constatar nos dados do francês medieval. A segunda diferença consiste no fato de que o uso do pronome sujeito na tradução do PB moderno ainda está longe da porcentagem que encontramos nas traduções francesas dos séculos XV ou XVI e não chega nem de longe à porcentagem que obtemos nas duas traduções mais modernas do francês. Portanto, os dados, que se confirmam também por outros estudos diacrônicos e sincrônicos do português, demonstram claramente que o PB ainda possui a propriedade de sujeito nulo, sendo capaz - usando os termos da gramática gerativa - tanto de licenciar formalmente um sujeito nulo quanto de identificar o seu conteúdo. A única diferença com relação a uma língua de sujeito nulo prototípica, como o espanhol *standard*, parece consistir no fato de que o uso de pronomes sujeitos lexicais não está restrito somente a contextos nos quais o falante quer pôr ênfase no sujeito ou evitar alguma ambigüidade possível.

Com base nesses resultados do nosso pequeno estudo empírico, pode-se abordar a questão de saber se o PB moderno se encontra atualmente na fase em que se encontrava o francês médio, isto é, a caminho de perder as suas características como língua de sujeito nulo. No que segue, vou abordar essa questão comparando dados do francês com dados do PB moderno. O objetivo é investigar processos morfossintáticos que foram analisados, em vários estudos diacrônicos do francês, como processos que ocorreram aproximadamente no mesmo período no qual o francês deixou de ser uma língua de sujeito nulo. Foram destacadas pelo menos quatro mudanças principais (Roberts 1993b, Vance 1997):

- a diminuição de efeitos de 'verbo segundo'
- o enfraquecimento da morfologia verbal
- a formação de pronomes sujeitos clíticos
- a formação de pronomes sujeitos expletivos

Embora as análises não estejam totalmente de acordo umas com as outras sobre a relação exata desses processos com a perda do sujeito nulo nem sobre a ordem diacrônica entre eles, todas as análises concordam que essas mudanças - salvo a formação de

sujeitos expletivos, que se iniciou já numa fase anterior - tenham ocorrido dentro do período de transição do francês medieval para o francês moderno. No que segue, vou comparar essas mudanças adicionais do francês com as mudanças que podemos observar no português brasileiro.

3.1 A diminuição de efeitos de 'verbo segundo' (V2)

O francês, como bem se sabe, é geralmente considerado uma língua que foi originalmente uma língua de 'verbo segundo', isto é, uma língua na qual o verbo finito aparece sempre na segunda posição das frases declarativas principais, independentemente do tipo ou da função do constituinte que ocupa a primeira posição. Embora exista uma série de problemas empíricos e teóricos com essa hipótese, sobretudo quando se supõe que o francês antigo era uma língua de V2 do tipo "rígido" (Kaiser 2002a), é incontestável que a peculiaridade que distingue o francês moderno do francês medieval, quanto à ordem das palavras, é a falta quase absoluta de construções de tipo XVS, ou seja, de construções que evidenciam o efeito V2. O francês medieval, contudo, dispunha, conforme mostra a tabela abaixo, com os dados das traduções bíblicas do francês, de uma taxa relativamente alta de construções desse tipo:

		Francês medieval		Francês moderno		
		Francês antigo (1170)	Francês médio (1492/1520)	(1570)	(1736)	(1994)
V1		11.6	1.9	1.9	0.0	0.2
V2	SV(X)	64.9	62.6	70.0	70.0	83.8
	XVS	12.6	26.8	3.4	0.8	1.5
V>2		10.9	8.7	24.7	19.2	14.5

Tabela 1: Diminuição de efeitos V2 nas frases principais declarativas com sujeitos realizados em traduções francesas da Bíblia (1 Samuel 1-3, 2 Samuel 11-14).

Observa-se, então, uma mudança brusca no uso de frases com a ordem XVS a partir do período do francês moderno. Segundo muitas análises gerativas, essa mudança evidencia uma mudança paramétrica na fixação do parâmetro de V2 (Adams 1987, Roberts 1993b). Apesar do fato de que, como vimos no parágrafo anterior, o uso dos pronomes sujeitos já começou a aumentar na fase do francês medieval, tem-se afirmado também que essa mudança esteja ligada a uma mudança paramétrica na fixação do parâmetro de sujeito nulo.

Quanto ao português, no que diz respeito à evolução do efeito V2, os dados das traduções portuguesas parecem indicar um tipo de mudança similar à observada no francês. Os resultados são resumidos na tabela 2:

		Português antigo (século XIII)	Português europeu (1993)	Português brasileiro (2002)
V1		42.7	3.8	2.1
V2	SV(X)	42.2	68.2	61.5
	XVS	11.9	2.8	4.4
V>2		3.2	25.2	32.0

Tabela 2: Diminuição de efeitos V2 nas frases principais declarativas com sujeitos realizados em traduções portuguesas da Bíblia (1 Samuel 1-3, 2 Samuel 11-14).

Como no francês, as variedades modernas do português diferem do português antigo por uma baixa frequência de frases com efeitos V2. Segundo a análise de Ribeiro (1995), eles evidenciam uma mudança paramétrica do português, mudando a fixação do parâmetro de V2 de um valor positivo a um valor negativo. Embora uma tal análise, que presupõe uma fase na qual o português era uma língua de V2, contenha fraquezas similares como para o francês, tanto teóricas como empíricas (Kaiser 1999), podemos constatar, comparando os dados da tabela 2 com os dados do gráfico 4, que a queda drástica de frases com a ordem XVS parece coincidir com um aumento do emprego de sujeitos pronominais lexicais.

3.2 O enfraquecimento da morfologia verbal

Outro desenvolvimento diretamente relacionado, de acordo com muitos estudos diacrônicos do francês, ao decréscimo de ocorrências de sujeitos nulos no francês é o enfraquecimento da morfologia verbal. A tabela 3 ilustra esse processo: o francês antigo dispunha de um paradigma verbal morfologicamente rico e diferenciado, distinguindo seis formas para número e pessoa. Ainda no período do francês médio, tem-se uma redução dessa distinção, devido principalmente à queda das consoantes finais. O francês moderno falado mostra uma perda quase completa das desinências verbais. A maioria dos verbos somente marca morfofonologicamente a primeira e a segunda pessoa do plural. Visto que o pronome *on*, que utiliza as formas verbais da terceira pessoa singular, substitui muitas vezes, na linguagem coloquial, o pronome *nous*, sobra somente a segunda pessoa do plural, que continua sendo regularmente marcada morfofonologicamente. Assim, o francês passou de um paradigma formado de seis pessoas distintas a um sistema de três ou duas formas:

Presente do indicativo	Francês antigo		Francês médio		Francês moderno		
1ª pessoa singular	<i>chant</i>	ø	<i>chant</i>	[ə]	<i>je</i>	<i>chant</i>	ø
2ª pessoa singular	<i>chant</i>	<i>es</i>	<i>chant</i>	[ə]	<i>tu</i>	<i>chant</i>	ø
3ª pessoa singular	<i>chant</i>	<i>e(t)</i>	<i>chant</i>	[ə]	<i>il/elle</i>	<i>chant</i>	ø
1ª pessoa plural	<i>chant</i>	<i>ons</i>	<i>chant</i>	[õ]	<i>nous</i>	<i>chant</i>	[õ]
					<i>on</i>	<i>chant</i>	ø
2ª pessoa plural	<i>chant</i>	<i>ez</i>	<i>chant</i>	[e]	<i>vous</i>	<i>chant</i>	[e]
3ª pessoa plural	<i>chant</i>	<i>ent</i>	<i>chant</i>	[ə]	<i>ils/elles</i>	<i>chant</i>	ø

Tabela 3: Enfraquecimento da morfologia verbal no francês (Foulet 1935/36:275ff.,292, Roberts 1993b:125ff, Kaiser 2002a:97)

Muitos autores de estudos diacrônicos do francês apontam para uma correlação entre esse enfraquecimento da morfologia verbal e a perda do sujeito nulo (Foulet 1935/36, Roberts 1993b). Segundo esses autores, em função dessa mudança fonológica que atingiu o paradigma flexional do verbo, a propriedade de sujeito nulo deixou de ser uma opção produtiva no fim do período do francês medieval, ou seja, a partir do século XVI.

Ao compararmos o sistema flexional verbal do PB com o do português europeu, podemos observar um enfraquecimento morfológico similar. Observe-se a tabela 4 a seguir:

Presente do indicativo	Português europeu				Português brasileiro			
1ª pessoa singular	(<i>eu</i>)	<i>cant</i>		<i>o</i>	(<i>eu</i>)	<i>cant</i>		<i>o</i>
2ª pessoa singular	(<i>tu</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>s</i>	((<i>vo</i>) <i>cê</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	ø
3ª pessoa singular	(<i>ele/ela</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	ø	(<i>ele/ela</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	ø
1ª pessoa plural	(<i>nós</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>mos</i>	(<i>nós</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	(<i>mos</i>)
					<i>a gente</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	ø
2ª pessoa plural	(<i>vós</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>is</i>	((<i>vó</i>) <i>ces</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m</i>
	(<i>vocês</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m</i>				
3ª pessoa plural	(<i>eles/elas</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m</i>	(<i>eles/elas</i>)	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m</i>
					<i>o pessoal</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	ø

Tabela 4: Enfraquecimento da morfologia verbal no português (Duarte 1993:109, Cerqueira 1993:138, Kato 1999:4, Barne 2001:52-70, Kaiser 2002b)

Como se vê, o PB dispõe de uma morfologia verbal menos diferenciada em comparação ao português europeu: em vez de seis formas distintas, há no PB um paradigma que apresenta somente quatro formas. Esse paradigma coexiste com um

paradigma com apenas três formas, em consequência do uso, muito freqüente na linguagem coloquial, do sintagma *a gente* em lugar do pronome *nós* (Lopes 2003) e, menos freqüente, do sintagma *o pessoal* em lugar dos pronomes *eles* ou *elas* (Cerqueira 1993). Por conseguinte, as diferenças entre o PB e o português europeu na morfologia verbal são geralmente atribuídas à uma reorganização do sistema pronominal no PB (Duarte 1993, Galves 1993). Assim, Roberts (1993a:415) conclui que, ao contrário do que ocorreu no francês, "[o] desgaste da morfologia verbal no PB contemporâneo não se deve à mudança fonológica". Embora essa conclusão seja contestada por Oliveira & Ramos (2002), o que é importante ressaltar é que o PB sofreu, analogamente ao francês, uma modificação significativa do quadro da morfologia verbal e que a tendência ao uso do sujeito no PB pode ser vista como uma consequência dessa evolução. Em outras palavras, como no caso da perda dos efeitos V2, podemos também aqui observar no PB um desenvolvimento similar ao francês.

3.3 A formação de pronomes sujeitos clíticos

Outra mudança que acompanha o processo da perda da propriedade do sujeito nulo no francês é a formação de pronomes sujeitos clíticos. No francês antigo, os pronomes sujeitos comportavam-se, em geral, como elementos independentes. Somente quando apareceram em posição pós-verbal, mostraram comportamentos de elementos clíticos, ligando-se como enclíticos ao verbo precedente (Foulet 1928:150, Skårup 1975). Em posição pré-verbal, os pronomes sujeitos do francês antigo apresentam todas as características típicas de elementos independentes ou não clíticos (Moignet 1976:127-128, Vance 1995, Dupuis & Dufresne 1997).

- podem aparecer em posição isolada:

- (9) Et ce voil que vos me tenés? - Jo² fait li peres
 e isso quero que você me segura - Eu diz o pai
 (*Aucassin et Nicolette* 10,51)

- podem ser coordenados:

- (10) il é **Achazias**, li reis de Juda eussirent de la cited
 ele e Achazias o rei de Judá saíram da cidade
 (*Quatre Livre de Reis* 4,21)

- podem ser modificados:

- (11) Lors prist **il meismes** le saint Vessel
depois tomou ele mesmo o 'saint Vessel'
(*La Queste del Saint Graal* 270,17)

- podem ficar separados do verbo:

- (12) **Je si** ferai (*Erec* 216)
Eu assim farei

Ainda no período do francês medieval, esses pronomes começaram a perder essa sua independência e começaram a formar um paradigma próprio de pronomes sujeitos chamados "fracos" ou "átonos". Paralelamente, formou-se um novo paradigma independente de pronomes sujeitos "fortes" ou "tônicos". Enquanto no francês moderno esses pronomes "fortes" se comportam como os pronomes sujeitos (pré-verbais) do francês antigo, os pronomes sujeitos "fracos" mostram todas as características típicas de elementos clíticos (Kayne 1975:82-85, Kaiser 1992:30-37, Cabredo Hofherr 2004):

- não podem aparecer em posição isolada:

- (13) (a) *Je veux qu' il vienne avec moi – **Il**? dit-elle
eu quero que ele venha comigo – ele diz ela
(b) Je veux qu' il vienne avec moi – **Lui**? dit-elle
eu quero que ele venha comigo – ele diz ela

- não podem ser coordenados:

- (14) (a) ***Ma mère et il** sont partis
minha mãe e ele são partidos
(b) **Ma mère et lui** (ils) sont partis
minha mãe e ele eles são partidos

- não podem ser modificados:

- (15) (a) ***Même il** a acheté le livre
mesmo ele tem comprado o livro
(b) **Même lui** (il) a acheté le livre
mesmo ele (ele) tem comprado o livro

- não podem ficar separados do verbo:

- (16) (a) **Il* toujours le fait
 ele sempre o faz
- (17) (b) *Lui* toujours (il) le fait
 ele sempre ele o faz

Como revelam esses dados, os pronomes sujeitos do francês sofreram um processo de gramaticalização. De acordo com a definição dessa noção, estabelecida pela primeira vez por Meillet (1912), esse processo implica a mudança de estatuto de um item autônomo com significado lexical, que se transforma gradualmente em um item gramatical, primeiramente em um clítico e, finalmente, em um afixo flexional (Hopper & Traugott 1993). É importante ressaltar que todos os pronomes sujeitos "fracos" do francês moderno não só chegaram ao estágio de ser clíticos, mas também mostram comportamentos que são considerados como características típicas de afixos. Aplicando os critérios estabelecidos por Zwicky & Pullum (1983) para a distinção entre clíticos e afixos, pode-se observar que, na linguagem coloquial, esses pronomes compartilham muitas características típicas de afixos (Kaiser 1992, Auger 1993). Observe-se, por exemplo, que alguns pronomes clíticos podem, em posição pós-verbal, provocar modificações morfofonológicas no 'anfitrião', o que é considerado como propriedade prototípica de afixos e não de clíticos (Kaiser 1992:39):

- (18) (a) Il savait [ilsave] Que savait- *il*? [kəsavetɪl]
 ele sabia o que sabia ele
- (b) J' aime [ʒem] Aimé- *je*? [emɛʒ]
 eu amo amo eu

Outra característica dos pronomes sujeitos clíticos do francês moderno que atesta o caráter afixal deles é que podem coocorrer com outro sujeito dentro da mesma oração. Note-se que essa coocorrência é obrigatória quando o sujeito é um pronome ("forte") da primeira ou da segunda pessoa:

- (19) (a) **Moi* travaille.
 eu trabalho.
- (b) *Moi je* travaille.
 eu eu trabalho

- (20) (a) **Toi* *travailles.*
 tu *trabalhas.*
 (b) *Toi* ***tu*** *travailles.*
 tu tu *trabalhas.*

No caso do pronome da terceira pessoa existe, na língua escrita e elevada, a possibilidade de omitir o pronome clítico. Por outro lado, na linguagem coloquial, normalmente não se faz uso dessa possibilidade, optando-se pelo emprego do sujeito clítico:

- (21) (a) *Lui* *travaille.*
 ele *trabalha*
 (b) *Lui* ***il*** *travaille.*
 ele ele *trabalha*

Além disso, na linguagem coloquial do francês moderno, observa-se também o uso de pronomes sujeitos clíticos junto com sujeitos não-pronominais. Isso é possível, mas nunca obrigatório, tanto com nomes próprios quanto com sujeitos nominais definidos:

- (22) (a) *Marie* *travaille* *ici.*
 Maria *trabalha* *aqui*
 (b) *Marie* ***elle*** *travaille* *ici.*
 Maria *ela* *trabalha* *aqui*
- (23) (a) *Ma* *mère* *travaille* *ici.*
 minha mãe *trabalha* *aqui*
 (b) *Ma* *mère* ***elle*** *travaille* *ici.*
 minha mãe *ela* *trabalha* *aqui*

Existe uma extensa discussão, que não pode ser resumida aqui por falta de espaço, sobre a questão de saber se as versões (b) nos exemplos em (22) e (23) constituem instâncias de um "redobro do clítico" ou, antes pelo contrário, de uma "deslocação para a esquerda" (Carroll 1982, Auger 1993). Um critério crucial para distinguir os dois tipos de oração é a possibilidade ou não da coocorrência de um pronome sujeito quantitativo e um clítico sujeito. Visto que, por razões semânticas, quantificadores não podem ser topicalizados, esses pronomes não podem ser alçados para uma posição deslocada. Por isso, frases com pronomes quantitativos po-

dem servir para comprovar o estatuto de elementos clíticos numa determinada língua. Assim, no que concerne ao francês moderno, Rizzi (1986b), apoiando-se no seu famoso exemplo (24), que atesta a distribuição complementar entre pronome quantitativo e pronome clítico, defende a tese segundo a qual os pronomes sujeitos clíticos no francês moderno funcionam como pronomes ordinários e não como afixos de concordância:

- (24) (a) *Personne* ne mange.
 ninguém NEG come
 (b) **Personne* *il* ne mange.
 ninguém ele NEG come

A agramaticalidade de (24)(b) evidencia, para Rizzi, que o sujeito clítico no francês ocupa a mesma posição que o pronome *personne*, isto é, a posição do especificador da categoria flexional INFL, e não a posição de núcleo dessa categoria, como propõe para os sujeitos clíticos do trentino, um dialeto italiano. Assim, de acordo com essa análise pode-se concluir que os exemplos (b) em (22) ou (23) constituem "instances of Left Dislocation, with a pause between the initial NP and the following subject clitic" (Jaeggli 1982:95).

Essa conclusão, porém, depara-se com vários problemas. Em primeiro lugar, deve-se objetar que essa análise não se baseia em estudos prosódicos de entoação (Carroll 1982:296) e que os poucos estudos que existem nesta área apontam a falta de uma pausa em construções como (22)(b) ou (23)(b) (Léon 1972, Ronat 1979). Além disso, a argumentação de Rizzi, que se baseia no comportamento de pronomes quantitativos enfrenta outro problema: o exemplo (25)(b), o estribilho de uma canção pop francesa, mostra que a alegada distribuição complementar de pronome quantitativo e pronome clítico não vale aparentemente para todos os tipos de pronomes quantitativos (Auger 1995:39, Cabredo Hofherr 2004:105):

- (25) (a) *Tout le monde* *est* beau.
 todo mundo é bonito
 (b) *Tout le monde* *il* est beau.
 todo mundo ele é bonito

Os resultados de trabalhos quantitativos do francês coloquial colocam outro problema para a hipótese de Rizzi. Esses estudos revelam um índice muito alto da

coocorrência de sujeito nominal e sujeito clítico (Lambrecht 1981, Sankoff 1982, Kaiser 1992, Auger 1995). As análises de *corpus* do francês falado tanto de Sankoff (1982) como de Kaiser (1992) evidenciam que aproximadamente 80% de todos os sujeitos nominais são acompanhados de um clítico correferencial. Em vista desses resultados, é muito difícil defender a hipótese segundo a qual orações como (22)(b) ou (23)(b) são deslocamentos para a esquerda, nas quais o elemento deslocado está enfatizado. Parece, como observa Sankoff (1982:85), que essas construções perderam essa sua função original de pôr ênfase no sujeito e sofreram uma gramaticalização:

Celui qui utilise la reprise avec la quasi-totalité de ses SN perd nécessairement la possibilité de l'employer pour les différencier, ce qui montre la récupération par la grammaire d'un processus à l'origine discursif, bref, la grammaticalisation.

Passemos agora à situação no PB no que diz respeito à formação de pronomes clíticos. Podemos constatar uma nítida diferença entre o francês e o PB: ao contrário do francês moderno, o PB somente dispõe de um único paradigma de pronomes sujeitos. Esses pronomes se comportam como os pronomes "fortes" do francês, conforme mostram as provas de clítico abaixo:

- podem aparecer em posição isolada:
(26) Eu quero que ele venha comigo - ***Ele?*** disse ela.
- podem ser coordenados:
(27) **A minha mãe e ele** foram embora ontem.
- podem ser modificados:
(28) **Mesmo** ***ele*** comprou o livro.
- podem ficar separados do verbo:
(29) ***Ele sempre*** faz isso.

Embora não haja um paradigma específico de pronomes sujeitos clíticos no PB, a maioria dos pronomes sujeitos dispõe de formas reduzidas que, em geral, mostram comportamentos de elementos clíticos. Uma lista dessas formas, acrescentadas de alguns exemplos apresentados nos estudos de Ramos (1997, 1999) e de Kato (1999), aparece na tabela 5:

Pessoa	número / gênero	Forma normal	Forma reduzida	Exemplo
1 ^a	singular	<i>eu</i>	<i>ô</i>	<i>Ô</i> vô. (linguagem infantil) (Kato 1999:14)
2 ^a	singular	<i>você</i>	<i>(o)cê</i>	Se <i>ocê</i> não consertar. De que lado <i>cê</i> tá? (Ramos 1997:44)
3 ^a	singular / masculino	<i>ele</i>	<i>el</i>	
3 ^a	singular / feminino	<i>ela</i>	<i>é []</i>	
2 ^a	plural	<i>vocês</i>	<i>cês</i>	Vocês, <i>cês</i> aprontam a maior bagunça. (Ramos 1997: 48 e 56)
3 ^a	plural / masculino	<i>eles</i>	<i>es</i>	<i>Es</i> não me entendiam (Ramos 1999:1)

Tabela 5: Formas reduzidas de pronomes sujeitos no PB (Kato 1999:14).

Todos os estudos que examinam as propriedades dessas formas reduzidas concordam com a afirmação de que se trata de elementos clíticos ou, pelo menos, de formas que "se encontra[m] num processo de cliticização" (Vital 1996:124). A forma que recebeu a maior atenção na discussão linguística é a forma *(o)cê*, visto que parece se encontrar no estado mais avançado no processo de cliticização (Vital 1996, Ramos 1997). De fato, utilizando as nossas provas de clítico, podemos constatar que *cê* cumpre quase todos os critérios. Somente com respeito ao critério da contigüidade ao verbo a forma *cê* não mostra um comportamento típico de um elemento clítico, mas se comporta como uma palavra independente, conforme mostra o exemplo (33) (Ramos 1997:55):

- não pode aparecer em posição isolada:

(30) *Você quer que eu venha contigo - *Cê?* disse ela.

- não pode ser coordenado:

(31) *A minha mãe e cê foram embora ontem

- não pode ser modificado:

(32) *Mesmo cê comprou o livro.

- pode ficar separado do verbo:

(33) *Cê sempre* faz isso.

Com respeito ao critério da modificação, é importante ressaltar que a modificação de *ê* não é categoricamente excluída. Conforme evidencia a gramaticalidade do exemplo em (34), *ê* não se comporta como um clítico quando o elemento modificador aparece na posição pré-verbal:

(34) *Cê mesmo* comprou o livro.

Em resumo, tanto as formas reduzidas do pronome *você(s)* quanto as outras formas reduzidas dos pronomes sujeitos do PB, apresentadas na tabela 5, mostram comportamentos típicos de elementos clíticos. No entanto, contrariamente aos pronomes clíticos do francês moderno, nenhuma dessas formas dispõe de todas as propriedades prototípicas de elementos clíticos. Confirma-se, então, a hipótese de que essas formas estão numa fase de cliticização que ainda não terminou.

Essa hipótese é reforçada pelas observações que podem ser feitas em relação às construções de duplicação pronominal. Esse tipo de construção pode conter tanto sujeitos pronominais como sujeitos nominais, conforme mostram os exemplos (35) e (36), respectivamente.

- (35) (a) *Eu, ô* adoro isso. (Kato 1999:14)
(b) *Você, 'cê* não me pega! (Cyrino *et al.* 2000:69)

- (36) (a) *A Clarinha ela* cozinha que é uma maravilha (Duarte 2000:28)
(b) *Essa competência ela* é de natureza mental (Galves 1993:398)

É interessante ressaltar que alguns autores também constatarem (poucos) exemplos com sujeitos indefinidos ou quantificados:

- (37) (a) Eu acho que *um trabalho sério ele* teria que começar por aí.
(Duarte 2000:28)
(b) *Qualquer pessoa* que vai praticar um esporte *ela* tem que se preparar..
(Duarte 2000:28)

A existência de construções desse tipo poderia levar a supor que os pronomes sujeitos, coindexados com um sujeito nominal ou pronominal, se comportam como elementos clíticos cuja função principal é a de servir de marcadores da concordância

sujeito-verbo. De fato, Barme (2000:14), por exemplo, vê nessas construções de duplicação pronominal os "primeiros indícios" de que "os pronomes fracos não são pronomes verdadeiros que ocupam a posição do sujeito, mas, no âmbito de uma cliticização sintática, são reduzidos a elementos flexionais" (vejam-se também Galves 1993, Duarte 1998, Kato 1999).

Essas conclusões, contudo, são, na minha opinião, prematuras e não são comprovadas pelos fatos empíricos. Em primeiro lugar, note-se que, na maioria dos casos verificados de construções de duplicação pronominal, é a forma plena do pronome sujeito que atua como pronome "lembrete" ou "resumptivo". Vimos, porém, que somente as formas reduzidas mostram (algumas) propriedades de elementos clíticos. Assim, é muito difícil manter uma hipótese segundo a qual formas morfossintaticamente independentes desempenham a função de marcadores de concordância, ou seja, de afixos flexionais. A única solução seria a de postular, como faz Kato (2002:12), que os pronomes sujeitos fraco e forte são homófonos e que no PB "se criou um paradigma de pronomes fracos quase homófonos aos pronomes fortes, deixando os afixos de concordância de actuar como pronominais". Além disso, devemos constatar que, ao contrário do que observamos no francês moderno, não existe nenhum tipo de construção de tópico no PB, salvo uma exceção que vou discutir em seguida, na qual o emprego de um pronome resumptivo é obrigatório. Ramos (1997:56) observa que, nas construções de tópico com o pronome *voce* encontradas no seu *corpus*, a forma *cê(s)* aparece em 88% dos casos. Nas demais construções de tópico com sujeito pronominal, a frequência da ocorrência de um pronome resumptivo é bem mais baixa. Quando se incluem as construções de tópico com sujeitos nominais, a probabilidade de pronomes resumptivos decresce de maneira drástica. Tarallo (1988:46) observa no seu estudo empírico somente uma frequência de aproximadamente 10% no uso de um pronome resumptivo em todos tipos de construções. Em resumo, enquanto no francês moderno coloquial a grande maioria das construções de tópico contém um pronome clítico correferencial com o sujeito nominal ou pronominal, as mesmas construções no PB são usadas na maior parte das vezes sem pronome resumptivo.

Como mencionei, existe uma construção de tópico no PB na qual o uso do pronome resumptivo é obrigatório. Trata-se de construções com a forma pronominal *a gente*, que também pode servir de pronome resumptivo, conforme mostrado em (38)(a) (Duarte 2000:28). Observe-se, além disso, que *a gente* não pode ser omitido nem em construções de tópico nem em construções simples, como ilustram os exemplos em (38)(b) e (38)(c), respectivamente:

- (38) (a) *Eu e o Mário a gente* vai casar logo
 (b) ?**Eu e o Mário* vai casar logo
 (c) *Vai casar logo (= Nós vamos casar logo)

Esses dados parecem atestar a gramaticalização completa do pronome *a gente*. Essa conclusão, contudo, é pouco provável. Com efeito, seria muito de estranhar que um pronome "forte" e lexicalmente ainda muito transparente tivesse sofrido o processo da gramaticalização antes dos pronomes menos "fortes". É muito mais provável que a distribuição muito especial de *a gente* em comparação aos demais pronomes sujeitos no PB esteja relacionada ao fato de que se trata de um pronome que é usado semanticamente para a expressão da primeira pessoa do plural, mas que utiliza as formas verbais da terceira pessoa singular. Isso implica a expressão quase obrigatória do pronome para evitar ambigüidades possíveis.

Podemos concluir que, ao contrário do que ocorreu no francês, o PB ainda não desenvolveu um paradigma de pronomes sujeitos clíticos completo e independente. As formas pronominais que mostram características de elementos clíticos são todas formas reduzidas dos pronomes sujeitos ordinários. O francês, por outro lado, dispõe de um paradigma próprio de pronomes sujeitos clíticos "especiais", ou seja, de clíticos que são morfossintaticamente independentes dos pronomes sujeitos ordinários. Enquanto as formas clíticas do PB não dispõem de todas as propriedades típicas de elementos clíticos, os clíticos do francês moderno mostram características típicas de afixos. Isso mostra que esses clíticos estão num estágio de gramaticalização muito mais avançado do que os clíticos do PB, os quais parecem estar somente numa fase inicial.

3.3 A formação de pronomes sujeitos expletivos

A formação de pronomes expletivos é outro fenômeno geralmente ligado à perda da propriedade de sujeito nulo no francês. Lembremos que, segundo as definições de línguas de sujeito nulo, o uso de tais pronomes não deveria ser compatível com a propriedade de sujeito nulo. Dado que nessas línguas um sujeito geralmente só pode ser usado quando o falante quer enfatizar ou desambiguar o sujeito, o uso de um pronome semanticamente vazio não corresponderia a essas regras. No entanto, já no francês antigo, uma língua de sujeito nulo, como vimos, podemos observar a ocorrência de pronomes expletivos.

O primeiro aparecimento de um pronome expletivo no francês é verificado na *Chanson de Alexis*, que data dos meados do século XI. Trata-se de uma construção com um verbo meteorológico. Os outros exemplos, apresentados em (39) por

motivo de ilustração, datam do final do século XII e do início do século XIII e comprovam o uso de um pronome expletivo em construções impessoais com um verbo existencial e um verbo inacusativo, respectivamente (Hilty 1959, Bakker 1995, Arteaga 1994):

- (39) (a) Quant li jurz passet ed **il** fut anuit(i)et (*Alexius* 51)
 quando o dia passou e EXP foi anoitecido
 (b) **Il** n' i ot el (*Yvain* 203)
 EXP não lá era ele
 (c) **Il** i vont ci viel prestre (*Aucassin et Nicolette* 6,29)
 EXP lá vão esses velhos sacerdotes

Note-se que esses tipos de exemplos não são abundantes durante o inteiro período do francês medieval e que só a partir do período do francês moderno os pronomes expletivos começam a ser usados regularmente. De qualquer maneira, todos esses exemplos representam, sem dúvida, um problema para a classificação das línguas de sujeito nulo e para a definição da propriedade de sujeito nulo. Embora não exista, segundo eu saiba, uma explicação satisfatória para o emprego de pronomes expletivos no francês antigo, o que parece propiciar o aparecimento de tais tipos de pronomes é que o francês antigo já estava começando a perder a sua propriedade de sujeito nulo.

Se compararmos essa evolução do francês com a do PB, devemos constatar no PB a falta completa de frases impessoais similares às frases (39) do francês medieval. Conforme mostram os exemplos (40), o uso de um pronome expletivo está completamente excluído em construções impessoais:

- (40) (a) (***Ele**/***Isso**) (es)tá chovendo.
 (b) (***Ele**/***Isso**) tem novidade.
 (c) (***Ele**/***Isso**) parece que vai chover.
 (Kato 1999:5, Silva 2000:130)

Então, partindo do pressuposto de que o uso de pronomes expletivos forma um dos primeiros sinais da mudança de uma língua de sujeito nulo para uma língua sem sujeito nulo, os dados do PB não fornecem evidência para uma tal mudança. Pelo contrário, os dados em (40) mostram claramente que o PB ainda é uma língua de sujeito nulo:

Though in subject position BP tends to have a lexical pronoun when the subject is referential, in impersonal construction we have obligatorily an empty expletive, [...] BP is still very much a null subject language in that respect. (Kato & Tarallo 2003:124)

Por outro lado, é interessante ressaltar que nas variedades européias do português parece haver evidência do uso de pronomes expletivos. Eles são encontrados na linguagem coloquial do português e do galego nos diferentes tipos de construções impessoais, a saber em construções com verbos meteorológicos, com verbos existenciais ou com verbos inacusativos, conforme mostram os exemplos em (41) do galego:

- (41) (a) *El* chovía.
 (b) *Il* hai cecais outro problema.
 (c) *El* chegou un estudante tarde
 (Raposo & Uriagereka 1990:514, Silva-Villar 1998:253)

O problema que colocam esses exemplos, que são bastante freqüentes na linguagem coloquial tanto do galego como do português europeu (Carrilho 2001), é que são encontrados em variedades do português que não são caracterizadas por um decréscimo de ocorrências de sujeitos nulos nem mostram outros indícios da perda da propriedade de sujeito nulo, como o enfraquecimento morfológico das desinências verbais ou a formação de pronomes clíticos sujeitos.

Uma saída para superar esse problema seria propor que os pronomes em (41) não sejam pronomes expletivos, mas elementos discursivos com a função de estabelecer uma coerência com o contexto anterior. Deste modo também poderia ser explicada a distribuição muito restrita desses elementos. Conforme evidenciam os exemplos em (42), eles são excluídos tanto em posição pós-verbal quanto em frases encaixadas e diferem, assim, de modo significativo da distribuição de elementos expletivos ordinários, como no inglês ou no alemão (Silva-Villar 1998).

- (42) (a) *Choverá *el* hoje?
 (b) *Xa sei que *el* chove.

Qualquer que seja a análise adequada desses elementos, o fato importante aqui é que o PB não permite o uso de pronomes expletivos em nenhum contexto e que se distingue, assim, claramente do francês.

4. Conclusão

Vou concluir resumindo brevemente as propostas fundamentais deste artigo: na primeira parte, defendi a hipótese de que, apesar de muitas críticas, as línguas podem ser distinguidas com respeito à fixação do parâmetro do sujeito nulo. Nas línguas românicas, este parâmetro parece estar relacionado com a natureza forte ou fraca da concordância na flexão verbal. Se a concordância é forte, como acontece no italiano ou no espanhol, são possíveis sujeitos nulos temáticos. Se a concordância é fraca, como no francês, não é permitida a omissão de sujeitos temáticos. O português brasileiro, contudo, parece estar entre os dois tipos de língua. De um lado, permite sujeitos nulos temáticos, embora menos frequentemente que as línguas de sujeito nulo prototípicas, e de outro lado, tem uma concordância verbal relativamente fraca.

Na segunda parte, tentei verificar a classificação do PB dentro do quadro desta hipótese com relação ao parâmetro do sujeito nulo, comparando a evolução do PB com a evolução do francês, que perdeu a sua propriedade de sujeito nulo no fim da Idade Média. Destaquei quatro fenômenos que supostamente acompanham esta perda e comparei-os com os fenômenos equivalentes no PB. Em relação a dois fenômenos, a perda de efeitos V2 e o enfraquecimento da morfologia verbal, o PB mostra um comportamento muito similar ao francês. Em relação ao processo de formação de pronomes sujeitos clíticos e de pronomes sujeitos expletivos, porém, distingue-se o PB nitidamente do francês. No que diz respeito aos pronomes sujeitos clíticos, pode-se constatar que o PB ainda se encontra numa fase de cliticização na qual estão se formando pronomes clíticos. A maior diferença entre o francês e o PB encontra-se na formação de pronomes sujeitos expletivos. Enquanto já no francês antigo podem ser observadas as primeiras ocorrências desses pronomes, o PB não permite o uso de tais pronomes. O que se verifica então é que o PB ainda dispõe de algumas características típicas de uma língua de sujeito nulo e ainda não perdeu a propriedade de permitir sujeitos nulos. Assim, o PB e as línguas prototípicas de sujeito nulo não diferem qualitativamente, mas apenas quantitativamente em relação às propriedades de sujeito nulo.

Bíblías analisadas:

Francês:

Li quatre livre des Reis. Die Bücher Samuelis und der Könige in einer französischen Bear-beitung des 12. Jahrhunderts. Nach der ältesten Handschrift unter Benutzung der neu aufgefundenen Hand-schriften. Kritisch hrsg. von E.R. Curtius. Dresden: Gesellschaft für Romanische Literatur 1911.

Le premier volume de la bible en francois. Francovs Regnavlt. Paris 1520.

La Bible qui est toute la Sainte Escriture: contenât le Viel & Nouveau Testament. Or, La Vieille & Nouvelle Alliãce. Avec argumens sur chacun liure. Pour Sebastien Honorati. Lyon 1570.

La Sainte Bible qui contient le Vieux & le Nouveau Testament: revûe sur les Originaux & retouchée dans le langage. Avec de petites notes par David Martin. Clément Marot / Théo-dore Bèze. Basle: chés Jean Rudolphe Imhoff avec les caractères de *, Nouv. éd., revûe & corr. 1736.

Les livres de Samuel. A. Caquot & P. de Robert. Genève: Labor et Fides 1994.

Português:

Bíblia medieval portuguesa. Histórias d'abreviado Testamento Velho segundo o Meestre das histórias scolasticas. Texto apurado por S. da Silva Neto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro 1958.

Bíblia Sagrada. Tradução interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal 1993.

Bíblia completa. Nova tradução na imagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil 2000.

Referências

ADAMS, Marianne. (1987). From Old French to the theory of pro-drop. *Natural Language and Linguistic Theory* 5, 1-32.

ARTEAGA, Deborah. (1994). Impersonal constructions in Old French. In M.L. Mazzola (ed.), *Issues and Theory in Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 141-157.

AUGER, Julie. (1993). More evidence for verbal agreement-marking in Colloquial French. In W.J. Ashby, M. Mithun, G. Perissinotto & E. Raposo (eds.), *Linguistic Perspectives on the Romance Languages. Selected Papers from the 21st Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL XXI)*. Santa Barbara, California, 21-24 February 1991. Amsterdam: Benjamins, 177-198.

AUGER, Julie. (1995). Les clitiqes pronominaux en français parlé informel: une approche morphologique. *Revue quebecoise de linguistique* 24, 21-60.

- AUWERA, J. van der. (1984). Subject vs. non-subject asymmetries in the relativization of embedded NP's. In W. de Geest & Y. Putseys (eds.), *Sentential Complementation. Proceedings of the International Conference held at UFSAL, Brussels, June 1983*. Dordrecht: Foris Publications, 257-269.
- BAKKER, Cecile de. (1995). Synchronic and diachronic variation in the French *il*-construction. In M. den Dikken & K. Hengeveld (eds.), *Linguistics in the Netherlands 1995*. Amsterdam: Benjamins, 1-12.
- BARME, Stefan. (1998). Sujeito/objeto explícito vs. não-realização no português brasileiro e europeu. In S. Große & K. Zimmermann (eds.), *«Substandard» e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita (TFM), 273-290.
- BARME, Stefan. (2000). Existe uma língua brasileira? Uma perspectiva tipológica. *Iberoromania* 51, 1-29.
- BARME, Stefan. (2001). *Der Subjektsausdruck beim Verb in phonisch-nähesprachlichen Varietäten des europäischen Portugiesisch und Brasilianischen*. Frankfurt: Lang.
- CABREDO-HOFHERR, Patricia. (2004). Les clitics sujets du français et le paramètre du sujet nul. *Langue française* 141, 99-109.
- CARRILHO, Ernestina. (2001). Expletivos do português europeu em foco: a evidência dos dados dialectais." *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, 28-30 Setembro 2000*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- CARROLL, Susanne. (1982). Redoublement et dislocation en français populaire. In C. Lefebvre (éd.), *La syntaxe comparée du français standard: approches formelle et fonctionnelle. Tome 1: Langues et société*. Québec: Éditeur officiel du Québec, 291-357.
- CERQUEIRA, Vicente C. (1993). A forma genitiva 'dele' e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In I. Roberts & M.A. Kato (orgs.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 129-161.
- CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding. The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris, second revised edition 1982.
- CHOMSKY, Noam. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge: The MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (1986). *Knowledge of Language. Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger.
- CYRINO, Sonia M.L.; DUARTE, M. Eugênia L. & KATO, Mary A. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M.A. Kato & E. V. Negrão (eds.), 55-74.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M.A. Kato (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 107-128.

- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1998). O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável. In S. Große & K. Zimmermann (eds.), «Substandard» e mudança no português do Brasil. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita (TFM), 189-202.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (2000). The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In M.A. Kato & E. V. Negrão (eds.), 17-36.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. (2004). On the 'embedding' of a syntactic change. In *Language Variation in Europe. Papers from ICLaVE2 - Second International Conference on Language Variation in English*. Uppsala: Universitetstryckeriet, 145-155.
- DUPUIS, Fernande & DUFRESNE, Monique. (1997). Les pronoms personnels français: un cas de réanalyse structurale. In B. Combettes & S. Monsonégro (éds.), *Le moyen français. Philologie et linguistique. Approches du texte et du discours. Actes du VIII^e Colloque International sur le moyen français. Nancy, 5-6-7 septembre 1994*. Nancy: Institut National de la langue française, 463-481.
- FOULET, Lucien. (1928). *Petite syntaxe de l'ancien français*. Paris: Champion, troisième édition revue. Réédition 1982.
- FOULET, Lucien. (1935/36). L'extension de la forme oblique du pronom personnel en ancien français. *Romania* 61, 257-315.
- GALVES, Charlotte M. Chambelland. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In I. Roberts & M.A. Kato (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 387-408.
- GILLIGAN, Gary Martin. (1987). *A Cross-linguistic Approach to the Pro-drop Parameter*. Ph.D. dissertation. Los Angeles: University of Southern California.
- HAIDER, Hubert. (2001). Parametrisierung in der Generativen Grammatik. In M. Haspelmath, E. König, W. Oesterreicher & W. Raible (Hgg.), *Language Typology and Language Universals. An International Handbook. Volume I*. Berlin: Mouton de Gruyter, 283-293.
- HILTY, Gerold. (1959). 'Il' impersonnel. Syntaxe historique et interprétation littéraire. *Le français moderne* 27, 241-251.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, second edition 2003.
- HUANG, C.T. James. (1984). On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry* 15, 531-574.
- JAEGGLI, Osvaldo. (1982). *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth. (1989). The null subject parameter and parametric binding. In O. Jaeggli & K.J. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1-44.

KAISER, Georg A. (1992). *Die klitischen Personalpronomina im Französischen und Portugiesischen. Eine synchronische und diachronische Analyse*. Frankfurt: Vervuert.

KAISER, Georg A. (1999). A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In P. Ferenc (org.), *Actas do Congresso Internacional por motivo dos vinte anos do português no ensino superior*. Budapest: Departamento de língua e literatura portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, 248-261.

KAISER, Georg A. (2002a). *Verbstellung und Verbstellungswandel in den romanischen Sprachen*. Tübingen: Niemeyer.

KAISER, Georg. (2002b). Resenha de Mary A. Kato / Esmeralda Vailati Negrão (eds.): *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert – Ibero-americana, 2000. *Lusorama* 51-52, 283-290.

KAISER, Georg A. (2005). Bibelübersetzungen als Grundlage für empirische Sprachwandel-untersuchungen. In C.D. Pusch, J. Kabatek & W. Raible (Hgg.), *Romanistische Korpuslinguistik. Korpora und Historische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Narr (no prelo).

KATO, Mary Aizawa. (1999). Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus* 11, 1-37.

KATO, Mary Aizawa. (2000). Preface. In M.A. Kato & E.V. Negrão (eds.), 7-16.

KATO, Mary A. (2002). Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro. *Revista portuguesa de filologia* 24, 101-122.

KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda Vailati (eds.). 2000. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert, 17-36.

KATO, Mary Aizawa & TARALLO, Fernando. (2003). The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In B. Schlieben-Lange, I. Villaça Koch & K. Jungbluth (Hgg.), *Dialog zwischen den Schulen. Sozio-linguistische, konversationsanalytische und generative Beiträge aus Brasilien*. Münster: Nodus, 101-129.

KAYNE, Richard S. (1975). *French Syntax. The Transformational Cycle*. Cambridge: The MIT Press.

LÉON, Monique. (1972). *L'accentuation des pronoms personnels en français standard*. Ottawa: Didier.

LAMBRECHT, Knud. (1981). *Topic, Antitopic and Verb Agreement in Standard French*. Amsterdam: Benjamins.

LIRA, Solange de Azambuja. (1996). *The Subject in Brazilian Portuguese*. New York: Lang.

LOPES, Célia Regina dos Santos. (2003). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt: Vervuert / Iberoamericana.

- MEILLET, Antoine. (1912). L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista di scienza)* 12. Reimpressão em A. Meillet, *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion 1958, 130-148.
- MEISEL, Jürgen M. (1995). Parameters in acquisition. In P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 10-35.
- MEYER-HERMANN, Reinhard. (1998). Utilização e colocação dos pronomes pessoais no português falado do Brasil: indicações duma mudança tipológica em progresso? In S. Große & K. Zimmermann (eds.), *«Substandard» e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita (TFM), 203-225.
- MOIGNET, Gérard. (1976). *Grammaire de l'ancien français. Morphologie - syntaxe*. Paris: Klincksieck, deuxième édition revue et corrigée.
- OLIVEIRA, Marilza de & RAMOS, Jânia. (2002). O estatuto de 'você' no preenchimento do sujeito." Texto apresentado como comunicação no Encontro da Associação Linguística da América Latina em Costa Rica, 2002.
- RAMOS, Jânia M. (1997). O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In D. da Hora (org.), *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 43-60.
- RAMOS, Jânia. (1999). Sujeitos indeterminados e o uso dos pronomes "você/cê" e "eles/es" no português do Brasil. Comunicação apresentada na ABRALIN, Florianópolis.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. (1992). *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- RAPOSO, Eduardo & URIAGEREKA, Juan. (1990). Long-distance case assignment. *Linguistic Inquiry* 21, 505-537.
- Real Academia Española. (1973). *Esbozo de una gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- RIBEIRO, Ilza. (1995). Evidence for a verb-second phase in Old Portuguese. In A. Battye & I. Roberts (eds.), *Clause Structure and Language Change*. New York: Oxford Univ. Press, 110-139.
- RIZZI, Luigi. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- RIZZI, Luigi. (1986a). Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry* 17, 501-557.
- RIZZI, Luigi. (1986b). On the status of subject clitics in Romance. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 391-419.
- ROBERTS, Ian. (1993a). O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In I. Roberts & M.A. Kato (orgs.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 409-425.

- ROBERTS, Ian. (1993b). *Verbs and Diachronic Syntax. A Comparative History of English and French*. Dordrecht: Kluwer.
- RONAT, Mitsou. (1979). Pronoms topiques et pronoms distinctifs. *Langue française* 44, 106-128.
- SAFIR, Kenneth J. (1985). *Syntactic Chains*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANKOFF, Gillian. 1982. Usage linguistique et grammaticalisation: les clitiques sujets en français. In N. Dittmar & B. Schlieben-Lange (eds.), *Die Soziolinguistik in romanischsprachigen Ländern. La sociolinguistique dans les pays de langues romane*. Tübingen: Narr, 81-85.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. (1996). *A posição sujeito em português brasileiro. Em frases finitas e infinitas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. (2000). Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In M.A. Kato & E. V. Negrão (eds.), 127-146.
- SILVA-VILLAR, Luis. (1998). Subject positions and the roles of CP. In A. Schwegler, B. Tranel & M. Uribe-Etxebarria (eds.), *Romance Linguistics. Theoretical Perspectives. Selected Papers from the 27th Linguistic Symposium on Romance Languages*. Irvine, 20-22 February 1997. Amsterdam: Benjamins, 247-270.
- SKÅRUP, Povl. (1975). *Les premières zones de la proposition en ancien français. Essai de syntaxe de position*. København: Akademisk.
- TARALLO, Fernando. (1993). Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: Mudanças sintáticas aleatórias." In I. Roberts & M.A. Kato (orgs.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 35-68 (= Tradução da versão original em inglês de 1988).
- VANCE, Barbara. (1995). On the clitic nature of subject pronouns in Medieval French. In A. Dainora et al. (eds.), *CLS 31. Papers from the 31st Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Vol. 2: The Parasession on Clitics*. Chicago: CLS, 300-315.
- VANCE, Barbara S. (1997). *Syntactic Change in Medieval French. Verb-Second and Null Subjects*. Dordrecht: Kluwer.
- VITRAL, Lorenzo. (1996). A forma cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem* 5, 115-124.
- ZWICKY, Arnold M. & PULLUM, Geoffrey K. (1983). Cliticization vs. inflection: English *n't*." *Language* 59, 502-513.